

A CULTURA IMPRESSA COMO MEIO DE REPRESENTAÇÃO DOS ARQUITETOS E ENGENHEIROS DO SÉCULO XIX

Doralice Duque Sobral Filha¹

RESUMO

O presente artigo faz uma leitura sobre os textos de arquitetura do século XIX no Brasil, apresentando a formação da classe dos profissionais ligados à cultura arquitetônica da cidade do Rio de Janeiro na segunda metade dos dezenove: arquitetos e engenheiros. Estes profissionais se viam incumbidos da tarefa de modificar socialmente e fisicamente, por meio de uma postura profissional verificada através de uma série de textos publicados na época, não apenas o meio urbano, mas suas próprias práticas e seu campo intelectual.

Palavras-chave: século XIX, textos de arquitetura, arquitetos, engenheiros.

ABSTRACT

This article presents a reading about nineteenth - century architectural texts in Brazil, presenting the formation of the class of professionals related to the architectural culture of the city of Rio de Janeiro in the second half of the 19th century: architects and engineers. These professionals were entrusted with the task of modifying socially and physically, through a determined professional attitude verified through a series of texts published at the time, not only the urban environment, but their own practices and their intellectual field.

Keywords: 19th century, architecture texts, architects, engineers.

1. INTRODUÇÃO: O PENSAMENTO ARQUITETÔNICO NO BRASIL DO SÉCULO XIX

Segundo Rocha Peixoto (2010, p. 137), a atividade teórica da arquitetura, no século XIX, fica dividida em história crítica e tratadística. Trataremos aqui, no texto que se segue, da parte histórico/crítica presente nos textos publicados na imprensa no Brasil dos oitocentos. Vale ressaltar que alguns dos importantes questionamentos que colocaram em xeque a produção oitocentista (estilo, novos materiais, novas técnicas construtivas etc.) foram expostos nos periódicos e artigos da época, evidenciando a existência de um discurso embasado e a formulação de um pensamento sobre as principais questões da arquitetura do período.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – Escola de Belas Artes. doraliceduque@eba.ufrj.br

Revistas e jornais foram, de certa forma, veículos de exposição do pensamento dos personagens da época. Logo se configuraram como elemento de produção intelectual, que os profissionais buscaram para solidificar o campo profissional da arquitetura. Assim, esses discursos constituem um capital simbólico (BOURDIEU, 2011) dos grupos de agentes conectados em formular ideias sobre a arte do seu tempo.

Rocha-Peixoto (Ibid. Id) coloca que não houve história da arquitetura no Brasil antes das publicações do arquiteto Araújo Porto-Alegre². Na verdade, acreditamos que não houve crítica da arquitetura brasileira, que envolva não apenas o objeto arquitetônico em si, mas a sua prática antes daquela data, sendo Porto-Alegre um dos pioneiros nesse processo.

Foi ainda na Regência (1831-1840) que muitos literatos do início do Movimento Romântico brasileiro, entre eles Manuel de Araújo Porto-Alegre, contribuíram para divulgação artística nos dezenove. Publicações literárias em revistas como: *Niterói - Revista Brasiliense* (1836), *Revista Nacional e Estrangeira* (1839-1840), *Minerva Brasiliense* (1840) *Íris e O Museu Pitoresco* (1848) e *A Guanabara* (1849-1856) foram fundamentais para essa evolução e o posicionamento de campo intelectual. Essa última, considerada uma das revistas ilustradas mais conceituadas da época, pois tinha o apoio de D. Pedro II, teve a participação de Porto-Alegre, que nela escreveu vários textos que refletiam sobre as artes e a arquitetura.

Como imprensa ilustrada romântica as publicações periódicas que apresentam um conjunto de tendências estético-ideológicas próprias do período - como o nacionalismo literário, uma certa subjetividade, o gosto pela natureza, a colaboração de autores cientes do seu papel -, aliadas ao enriquecimento gráfico proporcionado pelas gravuras e estampas, bem como ao pendor didático e ético de empenho na propagação de conhecimentos, instrução e deleite, e uma possível confiança nas ações governamentais para juntos promoverem a "civilização". (SANT'ANNA, 2007, p.49-50)³.

A imprensa teve o papel fundamental na divulgação de ideias sobre os mais diversos assuntos que circulavam na época e era porta voz do saber atual. Informava sobre os agentes que a produziam e seus leitores. O próprio D. Pedro II considerava a imprensa um dos principais canais de manifestação da opinião pública. Era de fato um instrumento democrático. Carvalho (1996, p. 46) coloca que "O Império foi o período da história brasileira em que a

² Manuel José de Araújo Porto-Alegre 1806 -1879 foi um arquiteto formado pela Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, além de pintor, caricaturista, crítico e historiador de arte, professor e diplomata brasileiro. Durante um bom tempo foi escritor do romantismo, político e jornalista fundador de várias revistas.

³ Sant'Anna, Benedita de Cássia Lima. *Ilustração Brasileira (1854-1855) e a Ilustração Luso Brasileira (1856, 1858, 1859) - Uma contribuição para o estudo da imprensa literária em língua portuguesa*. São Paulo: Tese de doutorado apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2007.

imprensa foi mais livre". A diversidade de pensamentos e da formação dos escritores viriam a ser uma das marcas da escrita da época ⁴.

Araújo Porto-Alegre inicia sua carreira literária em 1834, ainda na França, publicando um relatório crítico sobre o estado atual das artes, incluindo a arquitetura no Brasil⁵. Muitos dos seus textos buscaram formular uma preocupação com a identidade histórica e nacional da arquitetura, frutos do momento nacionalista pelo qual passava o País. O papel dos arquitetos no mercado de trabalho, a atualização do ensino na Academia, dos artistas nacionais e estrangeiros e da própria arquitetura que se produzia na sua época foram assuntos e alvos de crítica em seus textos.

No artigo publicado na seção de Belas Artes da revista *Minerva Brasiliense* ⁶ de 1843, sobre a arquitetura gótica, Araújo faz um elogio ao estilo, numa leitura possivelmente inspirada na obra "*Le Genie du Christianisme*", publicado em 1802, de autoria de Chateaubriand⁷, um dos escritores franceses mais influentes do pensamento romântico. Segundo Hereru, Montaner e Oliveras (1994, p. 133), Chateaubriand influenciou diversos historiadores e críticos românticos, apresentando o templo gótico como manifestação da alma do povo, da arte nacional e do espírito do cristianismo.

A architectura gothica difere da grega por que he filha do mysterio; nella predomina a obscuridade e variedade e na grega ordem, symetria e luz: clareza e confusão são dois caracteres distinctos, isto he, penetração e mysterio; esta diferença, que não so no todo como tambem nas partes se observa, marca sensivelmente este typo, que tão precioso huma architectura, que não he obra da vontade do homem, mas sim a obra de uma idéia, que não pertencendo a hum individuo fôra arrancada da verdade eterna pela mente inspirada da successão de muitos homens. (PORTO-ALEGRE, 1843, p. 10)

Foi de fato o primeiro texto brasileiro sobre o tema, que apontava uma maior flexibilidade na leitura dos cânones clássicos. Muito embora esse arquiteto não tenha construído nada com o estilo gótico na época, seu texto reforça o processo de entendimento da

⁴ Os mais importantes jornalistas do período, por exemplo, foram também políticos, a exemplo de Evaristo da Veiga, Justiniano José da Rocha, Firmino Rodrigues Silva, Francisco Otaviano, entre outros. Além disso, muitos dos literatos e romancistas da época faziam parte do funcionalismo público: Machado de Assis, José de Alencar, Raul Pompéia etc. Alguns como José de Alencar, Lima Barreto e Joaquim Manuel de Macedo incumbiram-se de registrar os aspectos da cidade e da vida urbana. A cidade, no viés dos romancistas, vira palco de enredos e histórias.

⁵ A crítica romântica, desde a sua formação, estava pautada na questão da nacionalidade, especialmente no viés da exaltação da arte. No meio artístico, teve grande influência sobre as novas gerações, que começaram a se expor publicamente e a exigir um maior rigor nos aspectos artísticos e formais associados a uma autonomia criativa.

⁶ Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional: *Minerva Brasiliense* - 1843 a 1845 - PR_SOR_00009_703095.

⁷ François René, Visconde de Chateaubriand. (1768-1848). "*Le Génie du Christianisme ou beauté de la religion chrétienne*". Paris, 1802.

história da arte prescrita na Academia Imperial de Belas Artes. Além disso, a atitude crítica de Porto Alegre demonstra a intenção de compreender os motivos da diversidade de épocas e culturas distintas e como elas evoluíram para a formulação de uma característica própria e representativa do lugar e do momento, num consenso da arte que se nacionaliza.

É importante notar que as publicações de Araújo Porto Alegre eram voltadas para os literatos e intelectuais preocupados com a formação da cultura nacional. As revistas versavam sobre vários assuntos pertinentes à sociedade e às artes de maneira geral. Não eram especificamente direcionadas aos arquitetos e/ou mesmo aos engenheiros. Possivelmente, não havia público para esse conteúdo na capital carioca naquele momento; porém, Porto-Alegre inaugura um veículo de disseminação do pensamento arquitetônico no Rio de Janeiro, que iria perdurar durante toda segunda metade do século XIX.

2. BETHENCOURT DA SILVA E O PENSAMENTO ARTÍSTICO E ARQUITETÔNICO DOS ARQUITETOS DO IMPÉRIO

Francisco Joaquim Bethencourt da Silva (1831-1911) foi um dos poucos, ou talvez, o único arquiteto brasileiro formado pela Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) em 1850⁸, que seguiu os caminhos literários e românticos de Araújo Porto-Alegre durante os XIX. Iniciou sua carreira de crítico de arte e arquitetura⁹ em 1855, escrevendo para a sessão de belas artes da revista recreativa *O Brasil Illustrado*.

Os artigos expressavam, por sua vez, as inquietações de um jovem arquiteto que inicia sua carreira num mercado de trabalho onde a exposição pública também favorecia a sua trajetória. Nos textos, pode-se identificar muitas das ideias expressas nos seus discursos da fundação do Liceu de Artes e Ofícios no qual foi mentor, e revelam as angústias e rebeldia pelo descaso dado à profissão artística e às artes nacionais, por parte da sociedade e de entidades governamentais.

O artigo mais importante das coletâneas publicadas nesta revista seria o "*Architectura Oficial*", no qual o arquiteto coloca sua definição sobre arquitetura e nos dá uma noção da sua formação e de suas intenções projetuais e intelectuais. A necessidade de atualidade está

⁸ Arquiteto discípulo do arquiteto francês Grandjean de Montigny formado pela Academia Imperial de Belas Artes foi poeta e escritor. Fundou o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro em 1857, foi professor de Arquitetura da Academia e professor de Desenho da Escola Central e posteriormente Escola Polytechnica até 1888. Durante a segunda metade do século XIX assumiu diversos cargos públicos chegando a ser arquiteto da casa imperial e arquiteto da cidade. Sua produção arquitetônica na cidade do Rio de Janeiro foi extensa.

⁹ Aqui nos referimos a sua carreira literária relativa à arquitetura. Bethencourt entre 1849 e 1850 publicou diversas poesias em jornais e revistas recreativas da época.

presente nesse texto, além da inquietação por querer fazer uma arquitetura diferenciada e representativa para seu tempo.

Muitas passagens de Bethencourt confirmam as mesmas colocações do artigo sobre o gótico de Porto-Alegre, dez anos antes, especialmente em relação à nacionalização da arte e arquitetura. Possivelmente, eles foram pioneiros no processo de expor a cultura arquitetônica dos arquitetos oitocentistas, cujos conceitos e temas abordados tenderiam a ser socialmente aceitos. Além dessas preocupações, a busca do "tipo original", que representasse a nação também foi marca do pensamento arquitetônico, presente tanto em Porto-Alegre quanto em Bethencourt da Silva.

"Hum povo que emprega em sua architectura ornatos e plantas cuja natureza não pertença a seu paiz, prova que não tem arte sua, e que essa migrou da região onde essas plantas se acham: o acantho do capitel corintio o prova", coloca Porto-Alegre (Op. cit. p. 73). Bethencourt mostra uma ideia mais racional, por meio da qual aponta que as mudanças vêm também da necessidade:

A necessidade somente creou a arte, e ainda só as necessidades de cada povo obrigarão os architectos adaptar a arte aos costumes e precizões essenciaes de cada sociedade, cercanda-a segundo a natureza e o clima em que vivião, dobrando-a de modo a satisfazer essas necessidades geraes da materia e do espirito: e foi por isso só que cada nacionalidade creou o seu typo original, o genero e o gosto que lhe era peculiar. (BETHENCOURT DA SILVA, 1855).

A valorização da história da arte vem a contribuir por um gosto mais eclético e uma aceitação na diversidade da própria cultura arquitetônica. Essa sensação de atualidade, de querer fazer uma arte diferenciada, fica expressa nas inquietações de Porto-Alegre e Bethencourt, e nos dá indícios, no próprio texto e em outros, da necessidade de nacionalização da arte no Brasil.

Após a fundação do Liceu de Artes e Ofícios em 1857, seus discursos em prol da formação artística vão, de fato, fazê-lo representante, não apenas dos artífices, mas dos artistas acadêmicos, muitos dos quais iriam lecionar na sua instituição. A revista *O Brazil Artístico*, publicada pela Sociedade Propagadora das Belas Artes e pelo Liceu, talvez tenha sido uma das primeiras tentativas de se criar um periódico específico de arte e arquitetura no Brasil, embora, por conta de sua curta duração, não tenha sido explorada por outros personagens do período. Não foi uma publicação exclusiva sobre arquitetura, no sentido de expor seus problemas disciplinares.

Foi por meio das revistas recreativas e literárias que circulavam intensamente na capital carioca, que a divulgação da arquitetura e da arte em geral, naquele momento, iria acontecer. Com isso, a crítica literária ganha força no cenário, especialmente a partir dos anos 70 dos oitocentos, momento em que Bethencourt da Silva vai atuar com grande representatividade nas obras públicas do império de Dom Pedro II.

Entre 1859 e 1860, o arquiteto participou com uma série de artigos para o periódico *O Espelho - revista semanal de literatura, modas, industria e artes*, assinando sempre como redator da seção de Belas Artes¹⁰. Bethencourt ensaiava textos sobre crítica de arte, leituras de atualidades artísticas das revistas europeias, e escrevia muitas matérias referentes às belas artes no país. Na publicação de 11 de dezembro de 1859, dessa mesma revista, colocou uma nota sobre o periódico que seria inaugurado em 1860, sob sua direção, intitulado: *Revista Contemporanea Brasileira*, na qual convocava a participação dos jovens artistas a publicarem seus trabalhos incentivando uma cultura que buscava fortalecer seu próprio campo intelectual.

No final da década de 1870, escreve dois textos de grande importância na sua carreira literária. O primeiro, em 1876, nomeado *A Escola Normal*, é advindo de uma fase sua, na qual ficou conhecido como "pai da educação"¹¹. O texto aponta o estado da educação no Brasil e foi, na verdade, seu discurso proferido, na presença da Princesa Isabel, no lançamento da pedra fundamental do edifício para a Escola Normal, cujo projeto Bethencourt havia concebido. Nesse mesmo texto, Bethencourt faz referência a duas construções importantes no cenário oitocentista carioca: o Hospital Geral da Misericórdia e o Hospício Pedro II, além de pontuar uma questão sempre presente em seus textos, que era a credibilidade dos arquitetos frente às obras públicas.

A construção de edificios nacionaes, que são o testemunho do adiantamento do povo, a prova dos cuidados do governo e a prova do que vale a lei e o Estado, revela melhor do que todas as manifestações da vida social, qual e a civilização do paiz, e a que grau de superioridade têm atingido as artes.

Construir, porém, às cegas, perpetuando, com prejuizo dos dinheiros públicos, a ausencia do gosto e do conhecimento do bello, em aleijões monstruosos, em caixões de pedra e cal, frutos pecaminosos da ignorancia atrevida e petulante que se erige em arquiteto para nos compreender perante a posteridade, é um erro imperdoável, principalmente quando há no paiz uma academia e arquitetos capazes de cumprir os desejos do governo.

¹⁰ A revista tinha como redator chefe Francisco Eleutério de Souza e contava com a colaboração de diversas personalidades, entre elas: Silva Rabelo, Machado de Assis, Moreira de Azevedo, Macedo Junior, Justiniano José da Rocha e Casimiro de Abreu. Vários poemas de Bethencourt são encontrados na revista entre os de Machado e Casimiro, denotando sua presença forte como literato na época.

¹¹ Bethencourt projeta na década de 1870, além da escola normal, mais 3 escolas que viriam a ser conhecidas como escolas do imperador.

José Clemente Pereira, este notabilíssimo cidadão, que, por si so, soube levantar na capital do Imperio os dois mais grandiosos edificios do Brasil que se confiaram à direção de arquitetos, escreven em caracteres de granito indestrutíveis a ação de muitos séculos o seu nome e o do generoso monarca que lhe bafejava este nobre empenho.¹²

A partir da década de 1870, os textos publicados por Bethencourt da Silva possuíam características mais próximas da crítica da arte. Sua atuação como conselheiro da AIBA o fez, de certa forma, aproximar-se do contexto da crítica, muito embora, muitos dos seus escritos ainda não tinham sido direcionados especificamente para a arquitetura, mas para as artes em geral, e apenas evidenciavam diversos posicionamentos seus sobre questões arquitetônicas. Nesse sentido, em 1879, por ocasião da 25ª Exposição da Academia de Belas Artes, Bethencourt publica um artigo intitulado, *Belas Artes*^{13 14}, que traz importantes colocações sobre o pensamento artístico do arquiteto como, por exemplo, a importância do movimento romântico nas artes.

Bethencourt da Silva, no seu texto, trata dos temas artísticos, fazendo distinção entre gênio e talento, imitação e verdade na arte, belo ideal etc., demonstrando eloquência e conhecimento erudito. A criação de uma arte nacional e de uma escola artística brasileira foi tema de diversos artigos seus desde as publicações no *Brasil Ilustrado* (1855) e, principalmente, nos seus escritos da década de 1870 em diante.

A ideia do movimento Escola Brasileira surgiu a partir das críticas dos intelectuais da época e dos membros da própria Academia de Belas Artes onde Bethencourt, como membro do Conselho, foi um dos participantes. Eles passaram a considerar a arte produzida pelos artistas nacionais ou sobre temas brasileiros, apesar de acreditarem que a formação da Escola Brasileira tivesse sido iniciada com a vinda da missão francesa.

A preocupação com a questão da nacionalização da arte, no Brasil, ainda vinha sendo tema bastante recorrente no meio artístico, principalmente na década de 1880, período de declínio do Império e de formação da República. Além disso, naquela mesma década, foram frequentes as notícias sobre a situação de crise do curso de arquitetura na Academia,

¹² BETHENCOURT DA SILVA, J. F. A Escola Normal. Discurso pronunciado e 8 de dezembro de 1876, no lançamento da pedra fundamental da Escola Normal. In: TEIXEIRA, Mucio. *Dispersas e Bosquejos Artísticos...* Rio de Janeiro: Typ. Papelaria Ribeiro, 1901. p. 327-328

¹³ A primeira parte do texto foi publicada na *Revista Brasileira*. Primeiro Anno. Tomo I. Rio de Janeiro: N. Midosi Editor, 1879. p. 128-130. Não encontramos disponível no acervo das Bibliotecas pesquisadas outras publicações da Revista. O texto completo foi publicado em 1901 por Mucio Teixeira. TEIXEIRA, Op. cit. p.330-397.

¹⁴ Texto longo, cujo conteúdo foi dividido em cinco partes. As três primeiras se pronunciam quanto aos aspectos estéticos e teóricos da arte, colocando-se na qualidade crítica, apontando com consciência os perigos dessa escrita. Nos dois últimos capítulos, faz, de fato, uma análise crítica de arte, primeiro das obras expostas por Victor Meirelles e depois das de Pedro Américo.

especialmente a partir do surgimento da proposta do arquiteto-engenheiro alemão Luiz Schreiner, em 1884, que encaminhou à AIBA um projeto de levar o curso para ser lecionado na Escola Politécnica. Tais acontecimentos vieram à tona juntamente com a ascensão do curso de engenharia civil na Escola Politécnica e quando os engenheiros ganharam grande projeção nas obras públicas, tornando-se representantes de fato de uma nova fase na arquitetura do país.

Em 1884 foram publicados na Revista do Instituto *Polytechnico Brasileiro*¹⁵, uma série de discursos proferidos pelo engenheiro Schreiner sobre o projeto e construção da 3ª Praça do Comércio, obra do arquiteto Bethencourt e, em separata, pelo *Clube Polytechnico*, uma série de pareceres elaborados pelos engenheiros: André Gustavo Paulo de Frontin, André Rebouças e Adolfo Del Vecchio, a respeito das informações levantadas, que se pautaram especialmente nas questões duvidosas sobre técnicas e de materiais de construção do projeto.

Segundo Rocha Peixoto (Op. cit, p.137), os discursos foram "a mais importante peça crítica sobre a arquitetura no Brasil dos oitocentos". Neles estão, de fato, representados dois aspectos fundamentais na cultura arquitetônica carioca dos oitocentos: os conteúdos técnicos e artísticos do campo disciplinar. Os discursos de Schreiner ganharam repercussão na imprensa, possivelmente desprestigiando a imagem profissional Bethencourt da Silva e de toda a classe dos arquitetos formados pela AIBA. Pode-se observar isso em uma pequena nota crítica publicada na revista *Illustrada* de 1884 por Angelo Agostini.

Nesse mesmo ano, Bethencourt publica, um livro intitulado: "*Vulgaridade da arte: O poeta e o artista; a poesia e o artista; a arte e o artista*"¹⁶ e nele compila uma série de textos anteriores sobre arte e estética, iniciados em 1865, com a publicação da primeira parte: "*O poeta e o artista - fragmentos de um livro inédito*", ampliado em 1878, com o título "*Folhas Dispersas*". O texto versifica sobre a luta pela liberdade e autonomia artística, fazendo um paralelo entre arte e poesia, tema que ficou recorrente em seus escritos publicados desde 1855. A busca pelo *sublime artístico*, alcançado pelo aprendizado acadêmico, aperfeiçoamento do gosto e pela inspiração, nos faz pensar na influência tanto Vitruviana quanto do movimento romântico, no pensamento do artista. Ao longo dos textos de *Vulgaridade da Arte*, observam-se várias citações de Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, Vigny, Musset, Dechamps, dentre outros¹⁷.

¹⁵ Ver Revista do Instituto Polytechnico, Tomo XVI e Tomo XVIII, 1º semestre de 1884. "Estudos architectonicos no Rio de Janeiro e especialmente em relação ao novo edifício da Praça do Commercio", Luiz Schreiner. Acervo da Biblioteca BOOR - UFRJ.

¹⁶ Esta última versão foi publicada em 1901, por Mucio Teixeira no livro "Dispersas e Bosquejos..." Op. Cit.

¹⁷ Para a filosofia Romântica iniciada pelos alemães no final do século XVIII (Schlegel, Schiller, Wackenroder, Tieck) sublime significou uma forma lingüística, literária ou artística que expressasse o sentimento ou atitudes

Segundo Paulo Santos (1976, p. 65), o Romantismo, como estado de espírito, foi associado, na arquitetura, à palavra evasão para o sonho e para a fantasia¹⁸. Tirando essa observação do objeto arquitetônico e colocando o pensamento do artista, esse aspecto fica evidente nos questionamentos artísticos de Bethencourt, – belo, imitação, gênio etc. –, tratados dentro do universo filosófico. Em nenhum momento ele se utiliza da literatura do campo disciplinar da arquitetura na reflexão desses assuntos.

Vale salientar que as ideias presentes nos textos de "*Vulgaridade da arte...*" explicitam também um pensamento mais eclético sobre a arte, especialmente da arte como expressão do sujeito. Levando para o campo específico da arquitetura, os textos podem estar associados à própria produção arquitetônica de Bethencourt nos decênios dos anos 70 e 80 dos oitocentos, especialmente nas obras das escolas do imperador e na 3ª Praça do Comércio. Vale salientar que a estética romântica francesa pregava principalmente a liberdade da arte como meio de elevação artística e intelectual, logo se aproxima com o surgimento do pensamento eclético.

Em 1911, antes de seu falecimento, Bethencourt da Silva decide reviver a revista *O Brazil Artístico* do Liceu de Artes e Ofícios, com o periódico "*O Brazil Artístico - nova phase*" onde trouxe resenhas sobre conteúdos artísticos, críticas de arte e contou, dessa vez, com artigos específicos sobre arquitetura, que são de grande importância para o conhecimento da produção oitocentista.

3. O PENSAMENTO TÉCNICO E AS REVISTAS DE ENGENHARIA

Na segunda metade do século XIX, as pesquisas científicas do ramo das engenharias foram amplamente divulgadas na revista brasileira do *Instituto Polytécnico*, fundada em 1867. O periódico foi um mecanismo de representação dos engenheiros do país, de suas pesquisas e de seus saberes técnicos, contavam especialmente com a participação dos profissionais formados pela Escola Central do Rio de Janeiro e, posteriormente, da Escola Politécnica. Nada obstante, os artigos ali publicados eram dedicados aos seus pares e versavam sobre os mais variados assuntos, da engenharia à matemática, incluindo arquitetura.

elevadas através do conhecimento. Os franceses iriam pregar principalmente a liberdade da arte como meio de elevação artística e intelectual.

¹⁸ O Romantismo, assim configura como arte constituída predominantemente na livre produção do sujeito no seu tempo e no seu espaço e como fruto do caráter autônomo do artista e de sua imaginação criadora (d'Angelo, 1998, p. 123).

Sobre arquitetura, os temas estavam ligados especialmente à questão dos materiais de construção. Na primeira edição da revista¹⁹, André Rebouças, engenheiro e professor de arquitetura da Escola Politécnica, lança a proposta do ensaio sobre o "*Vocabulário dos termos técnicos...*" e diversos artigos sobre obras públicas foram redigidos nos anos seguintes. Em 1878, a revista amplia seu nome para *Revista do Instituto Polytécnico Brasileiro e das Obras Públicas*, período em que André Rebouças era redator.

Dentre as publicações da revista, dois importantes artigos ligados à arquitetura foram lançados dando-nos uma ideia das discussões entre os engenheiros brasileiros no século XIX. O primeiro foi a descrição completa do projeto do edifício da *Typographia Nacional do Brazil*, escrito pelo próprio autor do projeto, o engenheiro Antônio de Paula Freitas em 1878²⁰. O texto completo da *Typographia Nacional do Brazil* oferece-nos uma visão de como era o pensamento arquitetônico dos engenheiros da época.

Nele, o engenheiro faz uma descrição da importância do edifício para a capital carioca, além de um apanhado histórico sobre o surgimento da tipografia no Brasil. Outros assuntos foram tratados no texto como: o local da instalação, o programa geral do edifício, o seu plano, as oficinas, armazéns e depósitos, a descrição da sua fachada e detalhes técnicos.

Um dos aspectos tratados no texto de Paula Freitas – frequentemente abordados pelos engenheiros –, é sobre os materiais de construção, demonstrando a presente preocupação com o emprego dos produtos nacionais, podendo denotar uma necessidade de estandarização da arquitetura nacional por meio dos materiais construtivos e não pelo partido adotado nem o estilo.

Antônio de Paula Freitas publicou também, uma série de artigos científicos sobre os recursos naturais da cidade do Rio de Janeiro, em especial sobre o granito carioca, muito usado em construções civis deste o período colonial. As questões ligadas à resistência dos materiais foram as que estiveram mais presentes em seus textos, demonstrando a valorização da técnica e científica em conjunto com a necessidade de atualização e da formação de conhecimentos práticos no campo disciplinar da arquitetura no Brasil. Nos artigos, também não faltaram referências críticas em relação ao uso de materiais aplicados a estética da arquitetura da época.

¹⁹ Tomo I, julho de 1867. Rio de Janeiro: Lith. e Typographia do Instituto Artístico. Acervo: BOOR-UFRJ.

²⁰ Nesse mesmo ano, o engenheiro-arquiteto alemão Luiz Schreiner publica na Revista do Instituto o artigo: Estudo sobre Ventilação em geral e sua aplicação nas escolas, hospitaes, teatros, salas de reuniões grandes, habitações, etc, etc, baseados nos trabalhos do General Morim, Luiz Degen, A Pizoen e outros; e se propõe a fazer uma leitura dos seus trabalhos sobre "Esthética na Architectura" a serem publicados na mesma revista.

A versão corrente no Rio de Janeiro, em que todos os edifícios públicos, os trabalhos de ornatos ou de relevos deveriam ser feitos de pedra granítica; só pelo simples fato de haver pedra por toda parte. Há nisso uma exageração, que só commette quem considera uma obra pelo lado material, e deixa de parte o gosto, a elegancia, a arte, em uma palavra o estylo. A cantaria empregada em profusão é propria para os edificios, que devam ter carater pesado, robusto e de força; mas não é para os edificios, que devem ter um carater leve e elegante: o corpo central do hospital da misericórdia não produz effeito importante, apezar de ser uma obra custosa e rica: há ali um conjunto de pedra que não deixam pela sua cor escura homogenea sobresahir as sombras dos corpos salientes sobre a parede: há uma monotonia desagradável. (PAULA FREITAS, 1880, p. 14) ²¹.

Em 1888, 10 anos mais tarde, André Rebouças, publica uma série de discursos sobre estética na arquitetura, pontuando a sua evolução e origem segundo a história de formação dos povos. O texto desenvolvido por Rebouças foi fortemente influenciado pela teoria do Evolucionismo social de Charles Darwin, no qual se acreditava que as sociedades evoluíam de um estado primitivo para o civilizado.

Ambos os textos da Tipografia Nacional, o de Paula Freitas, e o da evolução da arquitetura, por Rebouças, revelam um posicionamento consciencioso, por parte dos engenheiros do império, sobre o campo disciplinar da arquitetura. Além disso, demonstram como eram completos os estudos dos alunos de engenharia civil na Escola Politécnica e como estavam extremamente ligados aos pensamentos utópicos da época: evolucionismo, sansimonismo e fourierismo.

Segundo Picon (In Salgueiro, 2001 p. 83), as utopias sociais da primeira metade do século XIX viriam a contribuir com a emergência de um certo tipo de sensibilidade arquitetural nos engenheiros. Essa sensibilidade iria refletir-se numa busca por "um equilíbrio harmonioso entre razão e sentimento, ciência e arte, técnica e inspiração poética" (Op. cit., p. 84), que eram preocupações correntes dos engenheiros sansimonistas.

Outra revista de grande importância para a conformação de um pensamento arquitetônico no Brasil na segunda metade do século XIX, e para a representação dos profissionais da época, foi a *Revista dos Constructores* (1886-1887). A publicação teve como redator chefe o engenheiro Ernesto da Cunha Araújo Vianna, que ficaria famoso no início do século XX como professor da AIBA, e como escritor de textos sobre arquitetura para várias revistas.

A revista de Araújo Viana tinha como proposta ser *um "jornal de architectura, de engenharia no que se refere ao domínio da arte de construir e hygiene das construções"*

²¹ Antonio de Paula Freitas. Recursos naturais da Cidade do Rio de Janeiro em Pedras Naturais de Construção. Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro, Tomo X 1880. pgs 3-15.

possivelmente influenciada pela revista *Revue Generale de L'architecture Travaux Publics* (1840-1888) do arquiteto francês César Denis Daly (1811-1894), personagem de grande importância no cenário intelectual do período, cujo periódico tinha ampla circulação dentro da Escola Politécnica²².

A revista funcionou de 1886 a 1889, sendo interrompida sua publicação em 1887. Os artigos publicados eram dedicados ao estudo da arquitetura, materiais de construção, higiene das construções, novas moradias etc. Nela foram publicados textos de diversos autores, em sua grande maioria engenheiros da época, consolidando um espaço de troca de informações e de representação entre eles. Muitos dos textos faziam referência à atualidade projetiva, tanto em relação às novas técnicas construtivas e novos materiais empregados, quanto no tocante à estética arquitetônica.

Diversos artigos foram publicados na seção sobre materiais de construção, expondo os estudos dos engenheiros, como André Rebouças, Bernardo Ribeiro de Freitas, Antônio de Paula Freitas, dentre outros. As pesquisas sobre granito carioca e as madeiras nacionais, ganharam grande destaque, revelando uma preocupação sobre a utilização dos materiais nacionais frente ao uso dos importados. Podemos perceber isso no artigo crítico de 1889, sobre a Igreja de Petrópolis (projeto do arquiteto Francisco Caminhoá):

Foi, certamente, uma feliz idea, quem a teve de escolher para o exterior o granito de Petropolis, que além da rigidez será, depois de prompta a igreja, de um efeito esthetico admirável. Para o revestimento interior, porém, consta divergirem as opiniões, há quem indique o granito do exterior, e há quem prefira o lioz de Lisboa. Sentimos dizer que não concordamos com o emprego de nenhum desses materiais. O granito de Petropolis, embora bello para o efeito exterior, oferecerá dificuldades na execução das abóbodas ogivais, e a sua cor tornará o templo triste e monótono; ver-se-á granito em demasia. E se considerarmos a cousa simplesmente pelo lado econômico, então a despesa será muito considerável. O lioz de Lisboa, embora de fácil e econômico emprego apresenta a desvantagem para uma obra nacional, não é material do paiz. E será injustificável seu emprego quando temos materiais melhores.²³

No tocante à estética, uma das preocupações presentes nos textos da revista tratava-se dos estilos arquitetônicos, seu conhecimento, sua evolução histórica e de sua situação atual. O estilo gótico foi um dos temas recorrentes. Observa-se artigos sobre o gótico propriamente dito, construções importantes da época como o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de

²² A Biblioteca de Obras Raras da Escola Politécnica possui este periódico em seu acervo dentre outras revistas internacionais. No início do século XX o acervo da antiga biblioteca da Politécnica havia sido compilado pelo engenheiro e então diretor Paulo de Frontin. Ver: FRONTIN, André Gustavo Paulo de. Catálogo da Bibliotheca da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1915.

²³ Revista dos Constructores. Abril de 1889, p. 55.

Janeiro, o Convento da Batalha em Portugal, dentre outras construções feitas em neogótico pelos engenheiros. Um dos artigos que exemplifica bem a cultura arquitetônica da época foi escrito pelo engenheiro Bernardo Ribeiro de Freitas, sob o título de *A Architectura Moderna*²⁴. Nele, o engenheiro coloca um "estado de revolução" em que a arquitetura estava passando e sua posição diante da difícil tarefa do artista de criar uma arte nova. Além disso, demonstra um entendimento consciencioso da atualidade e do pensamento arquitetural de sua época.

Como se vê, pois, tres grupos estavam em presença e nós os chamaremos adoptando as expressões do architecto francez Cesar Daly: grupo histórico, grupo racionalista, grupo eclectico; "representando, como bem diz aquele architecto, esses grupos as tradições históricas, os progressos da sciencia e da industria modernas e esse sensualismo sceptico da arte tão espalhado hoje".

(...)

A escolas históricas perdem partidarios de dia a dia, e se para mostrar conhecimentos estheticos, um architecto edifica nos estylos antigos, o monumento fica como isolado, como uma curiosidade no meio de novas construções.

As escolas racionalista e eclectica, aquella impondo obediencia as leis da estática, esta advogando uma liberdade muitas vezes exagerada, têm-se aproximado em muitos casos sob a ação dos princípios da mecânica applicada à construção e das exigencias dos costumes e ideas modernas. Mas à ambas falta um corpo de doutrina, à ambas falta uma unidade organica. (RIBEIRO DE FREITAS, Op. cit. 1888, p. 134)

Fica evidente no texto de Ribeiro de Freitas a predileção dos artistas nacionais pelo grupo racionalista e eclético, sendo este mais específico aos trabalhos dos engenheiros no tocante à arquitetura.

Araújo Viana também publica, em 1889, outro texto em que demonstra os mesmos questionamentos de Ribeiro de Freitas a respeito da atualidade da arquitetura. No seu artigo intitulado *A Architectura do Século XIX*²⁵, o engenheiro aponta para as questões de estilo e caráter dos edifícios civis, que se desenvolveram ao longo dos oitocentos e serviram como referência aos projetistas no período. Também prega louvores à técnica e aos novos materiais como o ferro.

Nada de desesperar e não receiemos que morra a architectura. Ella actualmente por vezes tem andado as palpadellas por admitir elementos estranhos que procura assimilar, todavia não esta em decadencia, ainda menos no aniquilamento; consideremos o estado actual como trabalho de uma epocha de transição, mas transição estudiosa e fecunda (VIANA, 1889, p. 92).

²⁴ *Revista dos Constructores*, Ano II, Novembro de 1888, pgs 133-134.

²⁵ *Revista dos Constructores*, Ano III, Julho de 1889, pgs 90 e 92.

Além de preservarem espaço para questões atuais do campo disciplinar da arquitetura oitocentista, como explicações sobre os estilos arquitetônicos, a revista serviu também para divulgação dos profissionais em destaque na arquitetura carioca do período. Em cada edição, era reservado um espaço para o registro de obras importantes na construção civil em execução na cidade do Rio de Janeiro. Sempre evidenciando atividades dos profissionais, dos detentores de cargos públicos, de associações particulares e demais construtores.

É importante frisar que na Revista dos Constructores as construções que estavam em andamento na capital carioca, ganhavam destaque, junto com seu projetista e construtor, em sua grande maioria engenheiros. Os arquitetos estavam presentes aparecendo um número pequeno na lista. O que vale destacar é a importância dada nas revistas pelas obras locais, destacando a atuação desses profissionais, em geral brasileiros, como dedicados na modificação da cultura arquitetônica. Esses números, no entanto, começam a se alterar sensivelmente no final da década de 1890 e início do século XX, quando diversos profissionais estrangeiros começam a atuar no Rio de Janeiro na conformação da nova capital da República.

4. CONCLUSÃO

Tanto a crítica literária quanto os artigos publicados nas revistas específicas sobre arquitetura refletem um pensamento arquitetônico dos atores envolvidos na cultura arquitetônica da época. A necessidade da reflexão e a necessidade de fixar essa reflexão de maneira singularizada pelas publicações, evidencia também um papel em que se reconhece como culta a arte nacional produzida e as Academias, nas quais esses personagens adquiriram sua cultura artística específica.

Embora não sejam tratados os assuntos de maneira rígida ou científica no campo da história, nem tratem da evolução arquitetônica brasileira desde os tempos coloniais, os textos da época demonstram a necessidade de atualização dos profissionais, bem como da criação de uma arte condizente com o momento histórico do País e que seja capaz de representá-lo. A arquitetura brasileira da segunda metade do século XIX, como colocam muitos dos textos, participa do cenário internacional, sendo assim comum a apropriação das novas tendências construtivas e formais para ela.

A luta pelo monopólio da competência prática, intelectual e científica pode ser traduzida como uma necessidade do profissional desse período, o qual era tido como principal ator de modificação do meio urbano. Se na primeira metade do século XIX os engenheiros procuravam

a Academia de Belas Artes para se especializarem na arte e na estética, na segunda, os arquitetos buscaram se espelhar nos engenheiros, na sua atuação prática e técnica, para resolver os problemas de arquitetura e buscar solidificar seu campo disciplinar.

Assim traçados os caminhos da representação de cada classe profissional, seja arquiteto ou engenheiro, fica evidente que o segundo procurou dominar o cenário intelectual e arquitetônico da segunda metade do século XIX. Para os arquitetos, observamos no período do estudo em questão, o esforço de Bethencourt da Silva em se firmar como representante da sua classe, seja no campo profissional ou intelectual, atuando em todos os níveis da sua profissão de arquiteto.

Pontuamos, no entanto, que os artigos e textos publicados pelo arquiteto não tinham um público específico, não eram dedicados à sua classe de formação, porém versavam sobre temas comuns aos diversos artistas. Era, também, uma maneira de demonstração pública de erudição por parte do arquiteto, que procurou, como interlocutores, a classe artística, de modo geral, formados pela Academia de Belas Artes, a sociedade elitizada e os escritores. Porém, ele foi de fato um dos poucos arquitetos, no período, a formularem um pensamento sobre diversos conteúdos artísticos presentes na sua época.

É importante frisar a ação pioneira do grupo de engenheiros brasileiros do período: André Rebouças, Antônio de Paula Freitas, Bernardo Ribeiro de Freitas e Araújo Viana, bem como o restante do corpo de engenheiros do Instituto Politécnico, na proposta científica e na divulgação da arquitetura como ferramenta de progresso. A partir da década de 1890, início do século XX e em diante, as revistas tornaram-se meios de divulgação e de construção de uma cultura arquitetônica brasileira, que ainda necessita de um estudo aprofundado e pormenorizado.

5. REFERÊNCIAS

BETHENCOURT DA SILVA. F.J. **Revista O Brasil Ilustrado**. Publicação Literária. 1855-1856.

BETHENCOURT DA SILVA. F.J. **Vulgaridade da Arte**. Rio de Janeiro: Typ. , 1884.

BETHENCOURT DA SILVA. F.J. **O Brazil Artístico. Revista da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro**. Nova Phase. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1911.

BLAKE, V. A. S. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895.

BOURDIEU, P. **A Economia das trocas Simbólicas**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

D'ANGELO, P. **A Estética do Romantismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

FERREIRA, F. **Bethencourt da Silva: Perfil Artístico**. Rio de Janeiro: Typ. Academica, 1875.

HEREU, P.; MONTANER, J. M.; OLIVERAS, J. **Textos de Arquitectura de la Modernidad**. Madrid: Editorial Nerea, 1994.

ROCHA-PEIXOTO, G. **Arquitetos do Brasil Imperial: A obra arquitetônica dos primeiros alunos da Academia Imperial de Belas Artes**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2004.

SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. **Ilustração Brasileira (1854-1855) e a Ilustração Luso Brasileira (1856, 1858, 1859)** - Uma contribuição para o estudo da imprensa literária em língua portuguesa. São Paulo: Tese de doutorado apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2007. SALGUEIRO, H. A. (org). **Cidades Capitais do Século XIX**. São Paulo: Edusp, 2001.

SANTOS, P. **Quatro séculos de Arquitetura**. Barra do Piraí, FABP, FERP, 1976.

SCHREINER, L. **As obras da nova Praça do Commercio**. Rio Janeiro: Leuzinger, 1884.

TEIXEIRA, M. **Dispersas e Bosquejos artísticos**. Biografia de Bethencourt da Silva. Rio de Janeiro: Typ. Papelaria Ribeiro, 1901.

PERIÓDICOS CONSULTADOS:

Revista Minerva Braziliense. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Revista O Espelho: Revista semanal de literatura, modas, indústria e artes. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Revista Ilustração Brasileira. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Revista O Brasil Artístico (nova phase). Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Revista O Brasil Ilustrado. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Revista do Instituto Polytechnico. Acervo da Biblioteca de Obras Raras do Centro de Tecnologia – BOOR-UFRJ.

Revista dos Constructores. Acervo da Biblioteca de Obras Raras do Centro de Tecnologia – BOOR-UFRJ.